



GERSÃO, Teolinda. *Autobiografia não escrita de Martha Freud*. Portugal: Porto Editora, 2024.

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais / Brasil

rodrigof_veloso@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Autobiografia não escrita de Martha Freud é o mais recente livro publicado por Teolinda Gersão, em 2024. Esta é uma narrativa muito propícia para se pensar a relação do romance híbrido, não histórico, conforme ressalta a autora, haja vista que recorre a documentos reais, mais particularmente das cartas trocadas entre Sigmund Freud e sua futura esposa Martha Bernays, durante o noivado, entre 1882 e 1886, mas também em cartas que Freud escreveu a outros. Romance híbrido porque detém em si o romance histórico (narrativa que se baseia em fatos históricos) e a escrita de si (o autor se identifica como o narrador; há uma escrita confessional e um olhar para as coisas que nos cercam).

Autobiografia não escrita de Martha Freud explora, de maneira complexa e sensível, a trajetória da personagem Martha Freud, uma mulher que reflete sobre sua vida, seus desejos e a construção de sua própria identidade. O livro é, ao mesmo tempo, uma busca por autoconhecimento e uma crítica às limitações impostas pela sociedade patriarcal e pelas normas que regulam o comportamento feminino ao longo das décadas.

O livro é marcado por uma estrutura fragmentada que reflete o processo de introspecção da protagonista, Martha Freud. A narrativa possui trinta e cinco capítulos distribuídos entre temas ligados à identidade (eu) e a alteridade (o outro), cujas palavras-chave versam sobre início, fim, felicidade, delírio, tempo, mal-estar, fantasmas, sexualidade, homossexualidade, incesto e “quarto secreto”. Ademais, o romance em apreço não segue uma linearidade estrita, mas se constrói a partir

de memórias, reflexões e anotações, como se a protagonista estivesse tentando organizar e recontar sua própria história. Esse estilo fragmentado reflete a ideia de que a identidade é algo que não se revela de maneira direta, mas sim, por meio de uma série de camadas que precisam ser descobertas e desveladas ao longo do tempo.

A escolha do título, *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, aponta para a tensão entre aquilo que é vivido e aquilo que é contado. Embora seja uma personagem fictícia, Martha Freud reflete sobre aspectos que poderiam fazer parte de uma autobiografia, como suas relações familiares, amores, fracassos e sonhos. A narrativa questiona o que define uma autobiografia e até que ponto a escrita pode capturar a verdadeira essência de uma vida. “Estou portanto cercada e paralisada, perante uma autobiografia já nascida morta. Mas, apesar de tudo, será razão suficiente para interromper a escrita?” (Gersão, 2024, p. 17).

Teolinda Gersão cria um jogo entre ficção e realidade, em que a vida de Martha se torna um espaço para a autora discutir questões de gênero, identidade e a própria função da escrita. Gersão afirma: “a única coisa que inventei [...] é que Martha, na última fase da sua vida, procurou ler e reler todas as cartas que pôde, [...] para descobrir quem tinha sido afinal ela própria, e também o homem com quem se casou” (Gersão, 2024).

Nicolle Rosen (2008) afirma que Martha Bernays se casou com Sigmund Freud em 1886. Durante o noivado, Freud enviou quase mil cartas à amada, entretanto, a vida conjugal a posicionou em um “apagado segundo plano”. De um lado, Freud fazia nascer à psicanálise e, de outro, ela cuidava da casa e educava os seis filhos. Submissa, ficou esquecida nos bastidores de um casamento que a anulou.

O paradoxo do silêncio e da voz de Martha se torna uma forma de discurso contra a posição do marido. Em termos psicanalíticos, o silêncio frequentemente fala mais alto que as palavras, carregando em si o peso das narrativas reprimidas e dos desejos não expressos. A natureza “não escrita” desta autobiografia aponta para uma verdade mais profunda sobre a experiência feminina no movimento psicanalítico – o paradoxo de ser simultaneamente central e marginalizada no desenvolvimento da teoria psicológica.

Dito isso, Jacques Lacan (2008), no *Seminário A lógica do fantasma*, fez uso de dois nomes distintos com o intuito de conceituar o silêncio, isto é, *sileo* e *taceo*. *Taceo* consistiria na palavra não-dita, no ato de calar, do silenciar ou ser silenciado. Em contrapartida, *sileo*

constituiria um silêncio fundante, estruturante, indicativo da ausência efetiva da palavra, da fenda da significação. Em outras palavras: “[...] *sileo* não é *taceo*. O ato de calar-se não libera o sujeito da linguagem apesar de que a essência do sujeito culmine nesse ato...” (Lacan, 2008).

Nesse sentido, o silêncio é a marca, na linguagem, da incompletude, quer dizer, a produção de sentidos múltiplos condiciona essa possibilidade, quanto mais ausente, mais silêncio se instala, mais produção de sentidos se evidencia. Em linhas gerais, “o não-dito [torna-se] necessário para o dito” (Orlandi, 1997, p. 51).

Martha projeta para dentro de si a experiência do conhecer-se, o modo de (re) agir, especialmente quando a casa recebia muitas pessoas, vozes, sentimentos ditos ou não, indagações e embates. “Quando alguma coisa me inquietava e deixava ansiosa, isolava-me numa solidão bem-vinda, à procura de uma solução possível” (Gersão, 2024, p. 12). Ela acrescenta ainda que essa solidão repousada no silêncio do espaço da casa suscita que o tempo mudou muitas coisas: “é também assim que agora me encontro, sozinha à escuta, nesta casa que me parece vazia, e em que todas as lembranças voltam, como se o tempo nunca as transformasse” (Gersão, 2024, p. 12).

Gersão emprega os conceitos psicanalíticos revelando a estrutura fragmentária da narrativa, por exemplo, espelha não apenas a natureza da memória, mas também o próprio processo psicanalítico – o desvelamento gradual do significado através da associação e da retrospectção. Os “trinta e cinco capítulos” mencionados podem ser lidos como sessões, cada uma revelando outra camada da realidade psíquica de Martha, pois o olhar atento da protagonista para as realizações profissionais de Freud transitam entre o delírio, o mal-estar, as muitas viagens de Sigi, a relação do psicanalista com o outro, o amor, a pulsão de morte e os segredos ocultos.

Um dos temas centrais do romance é a busca de Martha Freud por sua própria identidade. Ao longo da obra, a protagonista se questiona sobre o papel que desempenhou na vida dos outros – como mãe, filha, amante, amiga – e sobre como esses papéis influenciaram a percepção de si mesma. Martha Freud busca compreender quem ela é além das expectativas e das narrativas que foram impostas a ela. O romance, portanto, se torna um processo de libertação pessoal, em que a personagem tenta encontrar uma forma de se escrever, ou seja, de se compreender e se aceitar.

Gersão também utiliza a história de Martha Freud para criticar as normas e expectativas sociais que limitam a liberdade das mulheres. A personagem reflete sobre como sua vida foi moldada por um mundo que a viu, principalmente, por intermédio dos olhos dos homens e dos papéis tradicionais que lhe foram atribuídos: “precisava entrar dentro de mim, para entender o que acontecia” (Gersão, 2024, p. 11) e, continua: “Tenho mais de oitenta anos, estou a chegar ao fim, sinto-me frágil e cansada, sei o que é viver e morrer, criar filhos e netos, ser esposa, mãe, anfitriã, dona de casa, avó, sei tudo e vivi tudo [...]” (Gersão, 2024, p. 12). A crítica é sutil, mas poderosa, revelando as frustrações e os silêncios que as mulheres enfrentam em uma sociedade que nem sempre lhes permite serem protagonistas de suas próprias histórias.

O tema da memória é fundamental em *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, pois a personagem se coloca rememorando as lembranças de sua vida, tentando entender os momentos que definiram sua trajetória. A passagem do tempo é vista como algo que tanto apaga quanto revela, sendo a memória um espaço de disputa entre o que se deseja esquecer e o que se quer preservar. A relação entre memória e escrita é um eixo importante na obra, em que a escrita se torna uma forma de resistir ao esquecimento e de conceder sentido ao que foi vivido.

A escrita de Teolinda Gersão é conhecida por sua profundidade e delicadeza e em *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, a escritora adota um tom introspectivo e poético que reflete o estado de espírito de Martha Freud. A narrativa é permeada por reflexões filosóficas e psicológicas, que dão ao texto um caráter meditativo, o exercício do pensamento sobre ele mesmo. As descrições são precisas, mas carregadas de subjetividade, permitindo que o leitor entre na mente da protagonista e compartilhe de suas angústias e descobertas. “Mas, se ainda estou viva quando não *devo* nada, então é porque este tempo *me* é devido, ocorre-me, e posso sem reserva chamar-lhe *meu*” (Gersão, 2024, p. 13, grifos da autora).

Michel Foucault (1992) em seu texto “A escrita de si” pontua que uma forma de escrita praticada por aquele que escreve sobre si seria a correspondência, que atende a proposta da discussão do livro em estudo, porque abordam as cartas trocadas entre Martha e seus (inter) locutores. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (Foucault, 1992, p. 153).

A missiva do texto destinado ao outro permite, pois, o exercício pessoal e, desse modo, Gersão, ao desenvolver tal narrativa, leu o que se escreveu nas cartas trocadas entre Freud, Martha e outros. Isso porque se tratando de pesquisa documental essa ação foi importante para a composição e trato literário, haja vista que a autora se baseou em figuras reais, históricas, uma mistura entre fantasia do escritor com o mundo real, de maneira que o leitor sente-se confuso sem saber onde começa a imaginação e onde se inicia a história real. Em outras palavras, “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 1992, p. 156).

A carta opera no destinatário e no remetente uma “introspecção” que se conceitua como “deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (Foucault, 1992, p. 157). A constituição do discurso de si é realizada pela coleta de discursos dos outros e essa correlação, Gersão apresentou como resultado em sua narrativa, uma narrativa de si que é a narrativa da relação consigo mesma, atividade cotidiana, narração do dia e desenrolar da natureza da vida sendo escrita.

A importância da correspondência se deve ao espaço para exploração de como as cartas funcionam sendo objetos transicionais (em termos psicanalíticos) – nem completamente do *self* nem do outro, nem puramente privadas nem inteiramente públicas. Os elementos epistolares servem não apenas como documentos históricos, mas como artefatos psíquicos, mapeando o território entre expressão consciente e desejo inconsciente.

Gersão reitera que o romance em questão por se tratar de uma figura histórica, no caso de Martha Freud, representada por meio de documentos, cartas e circunscrita em um discurso literário como personagem desse lugar enunciativo, tal narrativa não trata, pois de um romance histórico, o enfoque do livro é o de lidar com a escrita de si, objetivo analítico deste texto.

Nesse sentido, a escrita dos movimentos de registros interiores nasce como uma experiência criativa que quer consagrar o secretismo do indivíduo, quer dizer, a sombra e os fantasmas que, por ventura possam aparecer no “combate espiritual”. Esse movimento da escrita por meio do pensamento tenta dissipar a nuvem negra que amedronta e afronta o indivíduo e a revelação epifânica se acentua destacando a função da escrita na cultura e sociedade.

A transformação desse processo criativo acontece no corpo e na alma. É preciso ler, mas também escrever. O olhar sobre o eu e o outro permite comparar as ações cotidianas com a fórmula normativa da vida. Assim sendo, *A autobiografia não escrita de Martha Freud* está profundamente ligada à reflexão sobre a própria escrita e seu papel na vida de Martha Freud. Escrever sua autobiografia, mesmo que de forma não completa, se torna uma tentativa de encontrar um sentido para sua existência.

A escrita é vista como um ato de resistência ao apagamento e ao silêncio, uma forma de organizar as memórias e de reivindicar uma identidade própria. A “não escrita” do título sugere tanto as dificuldades de se narrar a si mesma quanto à possibilidade de encontrar liberdade naquilo que não precisa ser dito.

Esse “não escrito” nesta autobiografia pode ser entendido como análogo ao próprio espaço terapêutico – uma área potencial onde o significado pode emergir através da ausência. Gersão utiliza este espaço não escrito para examinar não apenas a vida de Martha, mas a própria natureza da autonarrativa e da cura, visto que libertar-se de quaisquer amarras condicionam o indivíduo a expressar sentimentos, pensamentos e promover o autoconhecimento: “já tinha escrito mais de uma centena de páginas, em longas tardes em que me alheava de tudo à minha volta e mergulhava na narrativa que me exigia inteira” (Gersão, 2024, p. 12). E ainda conclui: “[...] sem ter consciência de mais nada, quando de repente tive um sobressalto: a força, e portanto o perigo, das palavras no papel” (Gersão, 2024, p. 12).

A ideia de que a vida de uma pessoa não pode ser completamente capturada pela escrita é central ao romance. Martha Freud reconhece que há silêncios, espaços em branco, coisas que não podem ser ditas ou que não encontraram palavras. Esse silêncio, no entanto, não é apenas uma falta, mas também um espaço de/ em potência, onde a personagem pode encontrar uma forma de ser que escapa às narrativas convencionais. A incompletude da autobiografia de Martha reflete a própria complexidade da existência humana, que nunca pode ser totalmente fixada em palavras.

Vale lembrar que tal narrativa é um romance cujo título expressa a intenção da escritora em descrevê-lo como autobiografia de Martha Freud e que, portanto, intentou-se analisá-lo sendo uma escrita de si. As diferenças são sutis, mas sua conceituação torna-se evidente, por exemplo, a autobiografia é um gênero literário em que uma pessoa narra a história da

sua vida, de forma objetiva, o seu sentido enquanto a *escrita* ou, melhor, *registro da vida*, do grego, *bíos*, vida e *gráphein* que, por sua vez, está para escrever, desenhar, gravar, entre outras possibilidades (Mitidieri, 2010). A autobiografia se constitui ainda pela interpretação do narrador na procura do vivido do outro, uma maneira de acessar introspectivamente na vida do outro, posicionando-se no tempo, espaço, conferindo seu lugar na história, legitimando seu poder de fala e formação de sua identidade.

Com efeito, a escrita de si se caracteriza pela produção de narrativas que se aproximam a ficção da realidade, uma ficcionalização que Gersão realiza de uma vivência individual que transpassa a experiência do coletivo, o tempo é circular, com trânsito frequente entre o passado e o presente, exercício literário inerente da modernidade.

Considerações finais

A *Autobiografia não escrita de Martha Freud* é um livro que, através da personagem Martha Freud, oferece uma reflexão profunda sobre a identidade, a memória e os desafios de se contar a própria história. Teolinda Gersão constrói uma narrativa que vai além das convenções da autobiografia, transformando-a em um espaço de questionamento e autoconhecimento. As correspondências trocadas entre Freud, Martha e outrem revelam o quanto da experiência pessoal se constrói no cotidiano e de como essas relações são diluídas na ação do tempo e, além do mais, de como o deciframento que se dá ao outro sobre si mesmo contempla um fenômeno carregado de sentido para quem escreve a história da cultura de si, ou melhor, o cuidado de si, a partir da coleta dos discursos dos outros.

Portanto, o livro de Gersão é uma leitura que convida à introspecção, ao mesmo tempo que levanta questões importantes sobre o papel da mulher na sociedade e a luta por uma voz própria. A partir de uma escrita de si, poética e sensível, a escritora cria um texto que se mantém atual e relevante, explorando a tensão entre a necessidade de narrar e a impossibilidade de abarcar tudo o que uma vida pode conter. “Nenhuma saída é limpa, qualquer das escolhas acarreta danos. [...] Quero e não quero. Quero, mas sem consequências negativas para quem amo. Mas tudo o que fizemos atinge-nos, a nós e aos outros. Queiramos ou não” (Gersão, 2024, p. 16).

Referências

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

GERSÃO, Teolinda. *A autobiografia não escrita de Martha Freud*. Portugal: Porto Editora, 2024.

GERSÃO, Teolinda. E-mail Lançamento Livro *A autobiografia não escrita de Martha Freud* enviada ao Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão. 2024.

LACAN, Jacques. *A lógica do fantasma*: Seminário 1966-1967. Trad. Letícia Fonseca. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2008.

MITIDIERI, André Luis. *Como e porque (des)ler os clássicos da biografia*. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 2010.

ORLANDI, Eni Puccineli. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1997.

ROSEN, Nicolle. *Madame Freud*: um retrato íntimo e revelador do pai da psicanálise pelo olhar de sua esposa. Trad. Marisa Rosseto. Campinas: Verus, 2008.

Data de submissão: 26/10/2024.

Data de aprovação: 09/12/2024.